

Modelos para leigas e religiosas: os livros do padre Júlio Maria De Lombaerde (1878-1944)

Nadia Maria Guariza¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i27.31373>

Resumo: O artigo analisa alguns livros do padre Júlio Maria De Lombaerde, missionário belga que veio ao Brasil em 1902 e desenvolveu parte dos seus trabalhos na cidade de Manhumirim (MG), até a sua morte em 1944. O padre Júlio Maria escreveu mais de oitenta livros, optando em investigar os que tratam do marianismo, da Sagrada Família e da vida de religiosas. A finalidade é refletir a respeito dos papéis femininos nos quadros da Igreja Católica nas primeiras décadas do século XX, tanto das leigas quanto das religiosas. Para tanto, entende-se que as representações acerca do feminino estavam ancoradas na divisão binária dos gêneros, reforçando hierarquias entre homens e mulheres, bem como na concepção de superioridade do sagrado em relação ao profano, estabelecendo, assim, hierarquias também entre religiosas e leigas.

Palavras-chave: Catolicismo. Gênero. Leigas. Religiosas.

Models for religious women and laywomen: the books of Father Júlio Maria De Lombaerde (1878-1944)

Abstract: This article analyzes some of the books written by Father Júlio Maria De Lombaerde, a Belgian missionary who came to Brazil in 1902. He wrote some of his works in the town of Manhumirim, in Minas Gerais State, remaining in Brazil until his death in 1944. He wrote over 80 books, including some that address the subject of Mariology, the Holy Family and the lives of religious women. The purpose of this article is to reflect on the role of women, both religious and laywomen, in the Catholic Church in the early decades of the twentieth century. To this end, it is understood that the representations of the feminine were anchored in the binary division of genders, emphasizing hierarchies between men and women and the conception of the superiority of the sacred over the profane, thus establishing hierarchies also between religious women and laywomen.

Keywords: Catholicism. Gender. Laywomen. Religious women.

Modelos para laicas y religiosas: los libros del padre Júlio Maria De Lombaerde (1878-1944)

Resumen: El artículo analiza algunos libros del padre Júlio Maria De Lombaerde, misionero belga que vino a Brasil en 1902 y desarrolló parte de sus trabajos en la ciudad de Manhumirim, en el estado de Minas Gerais, hasta su muerte en 1944. El padre Júlio Maria escribió más de 80 libros, entre ellos se optó por investigar los que tratan del marianismo, de la Sagrada Familia y de la vida de las religiosas. La finalidad es reflexionar sobre los roles femininos en los cuadros de la Iglesia Católica en las primeras décadas del siglo XX, tanto de las laicas como de las religiosas. Para eso, se

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná, professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Departamento de História, Campus Irati (PR).

entende que las representaciones sobre lo femenino estaban ancladas en la división binaria de los géneros, reforzando jerarquías entre hombres y mujeres, así como en la concepción de superioridad de lo sagrado en relación a lo profano, estableciendo así, jerarquías, también, entre religiosas y laicas.

Palabras-claves: Catolicismo. Género. Laicas. Religiosas.

Recebido em 19/03/2016 - Aprovado em 22/09/2016

O padre Júlio Maria De Lombaerde em suas ações e em seus livros estava agindo de acordo com uma das tendências da Igreja Católica a partir do século XIX, que promovia a feminilização do discurso. Estudiosos demonstram que no século XIX a Igreja Católica, diante do recuo do público masculino, aposta no papel feminino na propagação e na defesa do catolicismo na sociedade. Esse processo se intensifica no início do século XX, baseado na teoria dos círculos concêntricos; segundo Ivan Manoel (1996), a ideia era reconquistar a sociedade a partir das famílias e, neste plano, as mães de família era um elemento chave, como formadoras morais dos seus filhos.

O foco na família não era exclusividade do Catolicismo; outros discursos compartilhavam dessa visão, como o médico e o jurídico. Os discursos a respeito da família se sobrepõem nesse período, muitas vezes criando discursos híbridos.

Tais discursos se ancoravam na representação da família nuclear burguesa, formada pelo pai, pela mãe e pelos filhos. Os papéis de cada gênero eram bem delimitados e definidos; o pai deveria proteger e manter a sua família, a ele cabia sair na esfera pública; a mãe deveria ficar na esfera privada e ser o esteio moral do lar, e os filhos deveriam ser protegidos e educados intelectual e moralmente. O papel da mãe era justamente a formação moral dos filhos. Era a chamada teoria da domesticidade, que tornava a mulher a rainha do lar e educadora moral. Assim, a Igreja Católica ancorou o seu discurso a partir dessa forma binária: dividir os gêneros, feminino e masculino.

Esse binarismo também é perceptível entre os papéis desempenhados por religiosos e pelas religiosas na Igreja Católica no período. As freiras poderiam realizar trabalhos fora da clausura, contudo, estes estavam ancorados na representação da mulher como mãe espiritual, aquela que cuida das crianças, dos doentes e dos pobres. Elas exerciam atividades de professora e enfermeira; é o caso das irmãs das congregações fundadas por padre Júlio Maria.

As ações e os livros do padre Júlio Maria estão dentro dos planos da Igreja Católica do período. A proposta é analisar as ações e os livros do padre Júlio Maria a partir do quadro mais amplo do ultramontanismo e do marianismo, como uma estratégia para estimular a participação dos fiéis, bem como compreender que os livros que tratavam da vida de religiosas também se fundamentavam na divisão binária entre masculino e feminino. O objetivo deste artigo é analisar, por meio das ações e das publicações do padre Júlio Maria, o papel das mulheres, leigas e religiosas na Igreja ultramontana.

Ações do padre Júlio Maria De Lombaerde em Manhumirim

Tendo tomado posse da Paróquia, esperei a hora oportuna para agir, provocando-as durante a pregação do Mês de Maria/. O resultado não se fez esperar. Os protestantes desesperados pela enorme concorrência do Mês Mariano e o entusiasmo dos católicos, espalharam um Boletim, contendo diversas objeções contra a Religião, e mandaram vir um pastor de fora para pregar nas ruas/. Tomei a defensiva e ataquei resolutamente em conferências públicas e pelo jornal “Manhumirim”. O resultado foi extraordinário./ A Igreja encheu-se, o jornal duplicou as tiragens e apesar da resistência tenaz dos pastores a verdade foi vencendo os obstáculos. Caíram-me nas costas uns cinco pastores, com artigo e folhetos, respondi a todos, esmagando-os a um por um, obrigando-os a uma retirada vergonhosa. A opinião pública foi conquistada em favor da verdade... (LIVRO TOMBO, 1918, s.p.)

Nessa ata inaugural de 1928 de seus trabalhos paroquiais, o padre Júlio Maria descreveu como a comunidade estava tomada pelas ideias protestantes e maçônicas, apontando que o espírito católico estava fraco. Isso era notável pelo restrito número de fiéis que frequentava a igreja nas missas de domingo e o número pouco expressivo de leigos nas associações, como quinze senhoras no Apostolado da Oração e dezoito moças na União Pia das Filhas de Maria.



Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus – Manhumirim- MG – Arquivos da Igreja de Manhumirim 1928.

As associações leigas, segundo estudos (AZZI, 1994, MANOEL, 1996, GUARIZA, 2003, TRINDADE, 1996), se constituíram como uma das formas da Igreja Católica atrair e normatizar os fiéis no início do século XX. Nesse período as paróquias brasileiras começaram a registrar um aumento de associações leigas, em grande medida como resultado do esforço dos padres diretores.

Uma das orientações papais era estimular a vida sacramental intensa, como é notável na encíclica *Sacra Tridentina Synodus, a respeito da Comunhão frequente e cotidiana* (1910), de Pio X. Para tanto, o fiel era acompanhado desde a infância por meio do catecismo, o curso preparatório para a Primeira Comunhão; as crianças aprendiam noções dos sacramentos, dos dogmas e da moral cristã.

A formação do bom cristão dependia do seu conhecimento da doutrina, por isso o catecismo era um dos elementos básicos da ação pastoral. A criança se tornaria um católico praticante após a Primeira Comunhão, porque daquele momento em diante ela partilharia da Mesa do Senhor com os demais fiéis e poderia ingressar na Cruzada Eucarística.

No período citado, as associações leigas estavam organizadas a partir de divisões de gênero e idade, e as crianças quando passavam para a adolescência ingressavam em outras associações, saindo da Cruzada Eucarística. As moças poderiam ser admitidas na União Pia das Filhas de Maria; para tanto, precisavam seguir o regulamento do seu manual de

associada. Essas moças deveriam cuidar do seu vestuário e comportamento, demonstrando uma observância da rigidez moral em relação às suas condutas. Elas permaneciam na União Pia até o seu casamento, entregando a sua fita azul no altar. Portanto, a pureza sexual era a condição para que elas permanecessem nas Filhas de Maria.



Filhas de Maria de Dores de Indaia (MG), Arquivos da Igreja de Manhumirim, s.d.

Após o casamento, as mulheres poderiam adentrar outra associação, como o Apostolado da Oração, a Arquiconfraria das Mães Cristãs, dentre outras. Enquanto os homens solteiros e os casados poderiam permanecer na mesma associação, sem distinção do estado civil, como as congregações marianas ou vicentinas.

Outra diferenciação de gênero nas associações do período eram as atividades e os significados dessas atividades ligadas às associações. De maneira geral, tanto as associações femininas quanto as masculinas enfatizavam a caridade e a moralidade. Contudo, os homens possuíam um raio de ação mais amplo, justamente pelo entendimento de que o espaço público era de domínio masculino, enquanto as mulheres apresentavam limites de sua atuação a partir de parâmetros normativos em relação ao que era considerado moralmente adequado a elas.

Dessa maneira, elas poderiam extrapolar os limites do lar, contanto que fossem supervisionadas pelo padre diretor e se mantivessem dentro dos papéis esperados das mulheres, sobretudo a maternidade. Elas tinham condições de expandir os cuidados

maternos exercidos em seu lar para os pobres e os doentes, o que era considerado uma espécie de maternidade espiritual.

A dualidade maternal, humana e espiritual, foi explorada com sagacidade pela Igreja no período, sobretudo a partir da representação de Nossa Senhora, que seria a mãe humana de Jesus e a mãe espiritual de toda a humanidade. O padre Júlio Maria concedeu atenção especial à representação mariana em sua produção e é possível constatar o caráter exemplar de Maria.

Os livros do padre Júlio Maria e a representação de Nossa Senhora

Os livros do padre Júlio Maria são tratados a partir das ideias de Chartier, ou seja, compreendendo-os como produtos culturais, produzidos e consumidos. O livro é um produto que não se encerra nas vontades do autor, passa pela edição, que pode alterar as intenções iniciais do autor e também atender às expectativas dos leitores, que é outro aspecto que limita a autonomia do autor (CHARTIER, 1988, p. 173-181).

Não basta escrever o que se quer, a escrita tem que ser atraente e provocar a identificação do leitor. O que dizer dos livros do padre Júlio Maria, um estrangeiro que teve que realizar um esforço para romper as dificuldades da língua e abrir-se para uma cultura diferente da conhecida por ele? Com certeza, a sua experiência como pároco conferiu um conhecimento para escrever a um público leigo que não dominava a Teologia.

Podemos pensar a Teologia a partir das ideias de Bourdieu (2007), como um conhecimento de monopólio dos especialistas do sagrado, com um vocabulário próprio de difícil compreensão para os leigos. Por outro lado, os livros do padre Júlio Maria podem ser entendidos a partir do papel de intermediar a Teologia para um público mais amplo, numa linguagem mais próxima dos fiéis.

Uma das formas de utilização da imprensa pela Igreja Católica era a publicação de *Vulgatas*, ou seja, obras de cunho popular para a divulgação dos dogmas e dos preceitos da alta hierarquia da instituição. Algumas obras do padre. Julio tinham essa finalidade. Na carta aprobatória do livro *A mulher bendita*, ele mencionava: “... Fazia-se sentir entre nós a falta de um livro de teologia mariana, mas de uma teologia popular, ao alcance de todos, sem, entretanto, perder a profundidade e a segurança da doutrina...” (1936).

Grande parte das *Vulgatas* escritas pelo padre tinha o objetivo de rebater os críticos dos dogmas católicos, espíritas, cientistas, intelectuais e, sobretudo, os protestantes. O autor servia-se do recurso da polêmica, isto é, rebatia as críticas protestantes extraindo trechos de jornais ou revistas da religião, contrapondo-os com os dogmas católicos.

Além da aprovação, os livros do padre receberam o recurso necessário para serem produzidos. O padre Júlio Maria escreveu mais de oitenta títulos, em poesia e em prosa, incluindo textos em francês. Não obstante contar com a editora *O Lutador*, os seus livros também foram publicados por outras editoras, como a *Vozes* e a *ABC*.

Para Roger Chartier (1988), os agentes discursivos não se restringem às ideias que enunciam. Portanto, as ideias do padre Júlio Maria não eram meros reflexos das ideias do Vaticano. Neste sentido, os membros da Igreja Católica com suas ações e opiniões conferiam novos significados à ortodoxia, criando uma diversidade na unidade.

Algumas obras do padre possuíam a função de intermediar as doutrinas católicas para um público mais amplo e leigo; assim, tinham que transformar o discurso teológico em uma linguagem compreensível para esse público. Além disso, ainda segundo Chartier, “não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem o poder sobre as palavras ou os gestos” (1988, p. 137).

Os livros do padre versavam a respeito de vários assuntos, contudo o interesse para este artigo se concentrou nos livros em que o autor tratava do culto mariano e de aspectos relacionados à família cristã. A intenção é analisar os papéis sociais de gênero, ou seja, os papéis atribuídos aos homens e às mulheres pela Igreja do período. Lembrando que esses papéis não destoavam dos papéis enunciados por outros discursos, como o médico e o jurídico. Todos esses discursos na época compreendiam a família como célula base da sociedade, e a esposa e mãe eram importantes para a proteção moral do lar.

Os livros do padre Júlio Maria que tratavam do culto mariano tinham duas preocupações: a defesa do culto diante do ataque dos protestantes e a difusão da devoção do culto a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento. Portanto, a defesa do marianismo por parte do padre Júlio Maria apresentava especificidades, justamente por desejar tornar mais conhecida a devoção de Nossa Senhora no momento da Eucaristia.

O padre Júlio Maria justificou o culto mariano como a extensão da relação mãe e filho, utilizando-se, para isso, de alegorias que remetiam ao ideal materno, atingindo assim tanto ao público feminino como ao masculino. O culto mariano estabelecia um caráter relacional entre a figura materna e os filhos, explorando de maneira sagaz a afetividade dos fiéis, como se pode observar no trecho a seguir, do livro *Por que amo Maria*:

A primeira atitude de uma mãe é enternecer-se e inclinar-se, amorosa, com uma dedicação sem reserva, para a criancinha que vem ao mundo tão desprovida e tão fraca. Falta-lhe tudo. É preciso que sua mãe veja e ouça por ela. Não há miséria mais impotente que a sua. (...) o amor de Maria é puramente misericordioso porque sua maternidade não vem castigar, mas somente santificar e consolar. (1960, p. 390)

Pode-se constatar a representação da mãe cristã como educadora moral do lar. A mãe era considerada a responsável pela educação religiosa dos filhos, ensinando-lhes os dogmas, as orações e a moral cristã. Por isso, as mulheres deveriam ser preparadas para essa missão materna por meio das associações, dos livros, dos manuais e dos colégios femininos.

Nessa perspectiva, o padre descreveu como uma mãe cristã deveria se portar, utilizando-se do exemplo de Maria em *Por que amo Maria*:

Ser mãe significa ser vigilante, doce, condescendente para um o ser pequeno, fraco e necessitado que a Providência lhe confiou. Ser Mãe dos homens é trazer em suas entranhas

esta humanidade, desfigurada e ingrata, sem dúvida, mas algumas vezes nobre em suas aspirações, em seus esforços e em suas lutas (...) Uma mãe não se cansa de empenhar-se junto ao seu filho, culpado, nada poupando para reconduzi-lo: exorta, repreende, ameaça e pune mesmo com pesar. Seu coração descobre indústrias que se não encontram senão em um coração de mãe e, quando tudo está esgotado, recorre à sua última arma, a mais eficaz de todas: as lágrimas. (1960, p. 381-2)

As ideias expressas pelo padre Júlio Maria em seus livros acerca de Nossa Senhora procuravam fornecer modelos de comportamento para as fiéis. Observa-se que a feição esboçada para a mãe cristã compunha a de uma guardiã que deveria ser vigilante, repreendendo e até punindo o seu filho, que poderia fraquejar diante das tentações da sociedade e se desviar do caminho do Catolicismo.

No livro *Os ensinamentos de Nazareth ou mez pratico da Sagrada Família* (1941), o padre Júlio Maria emprega uma escrita mais coloquial, sobretudo porque se tratava de um livro para ser seguido diariamente pelo fiel durante um mês. A Sagrada Família é representada como um modelo para as famílias cristãs, demonstrando que há uma inversão de hierarquias quando a família de Maria, José e Jesus transpõe o universo do sagrado para o profano. No espaço sagrado, Jesus, como filho humano de Deus, é figura superior, seguido de Maria, que tornou possível a sua encarnação, e, por fim José. Contudo, no plano profano e terreno, essa hierarquia é subvertida para obedecer às normas sociais, ou seja, José se torna o centro da autoridade como o *pater* família, Maria e Jesus deviam obediência a ele, bem como Jesus deveria obedecer a Maria.

Nesse sentido, a sagrada família no plano terreno assumiria uma configuração invertida daquela do plano sagrado, como uma imagem refletida no espelho. A mensagem que o autor desejava propagar era que as hierarquias terrenas deveriam ser seguidas, porque mesmo Maria e Jesus como seres sagrados se submetiam à ordem hierárquica.

O fato de Maria ser corresponsável pela redenção da humanidade não a torna uma exceção nas relações com os homens, porque ela não poderia fugir do destino secundário das mulheres. Há uma hierarquia entre o masculino e o feminino na cosmogonia católica, mesmo que Maria estivesse isenta do Pecado original, o que a distinguia das outras mulheres, herdeiras de Eva. Ela, no mundo profano e terrestre, deveria manter-se no lugar destinado à mulher na sociedade. No caso das mulheres leigas, elas estavam submetidas a uma dupla hierarquia como mulheres e como leigas, e deveriam obedecer ao pai, ao marido e ao padre. As freiras também estavam submetidas a hierarquias, deveriam respeitar o seu diretor espiritual.

Livros do padre Júlio Maria a respeito da vida de religiosas: criando modelos de conduta e de espiritualidade

Outros livros do padre Júlio Maria narravam a vida de religiosas brasileiras, com o objetivo claro de motivar a vinda dos religiosos no Brasil. No entanto, as biografias se concentravam em mulheres que se tornaram freiras.

De acordo com Wernet (1987), uma das primeiras medidas da política ultramontana no Brasil foi o fortalecimento do clero, por meio do envio de ordens religiosas para o país, com a finalidade de expandir a rede de controle da Igreja. Desse modo, a preocupação do padre Júlio Maria era formar padres e freiras brasileiros, e os seus livros, que tratavam de religiosas brasileiras, publicados nas décadas de 1930 e 1940, tinham o objetivo de estimular o ingresso de jovens à vida religiosa.

É possível pensar essas biografias de religiosas a partir do conceito de hagiografia. A hagiografia apresenta variações em suas histórias, em certos períodos algumas virtudes são destacadas ou minimizadas, de acordo com os interesses do emissor da história (CERTEAU, 2006). No século XIX e início do XX, a hagiografia se configurou como mais uma estratégia de reconquista da sociedade, pois pela ótica ultramontana na luta contra seus inimigos era necessário formar soldados, ou seja, padres e freiras.

Esses religiosos tinham papel fundamental na disseminação do poder da instituição na sociedade. Com a organização de novas paróquias, colégios e hospitais mantidos pela Igreja Católica, era necessário manter o recrutamento de jovens para as fileiras católicas.

Os livros analisados neste artigo foram editados em Manhumirim, pela Editora *O Lutador*, o que significa que, pelo menos em relação à obra *As almas sacramentinas*, que foi publicada em 1943, período em que o padre estava vivo, ele pôde ter um controle maior de sua edição. A obra *Um anjo da Eucaristia* foi publicada postumamente, em 1948, utilizando o manuscrito do padre. Quanto ao público leitor dessas obras, pelos indícios que os próprios livros sugerem, pode-se pensar que o padre as usava para a formação religiosa dos seus congregados, bem como de jovens pertencentes às associações católicas, no recrutamento para o exercício religioso.

Em seu livro Um anjo da Eucaristia (1948), que narra a vida de Irmã Celeste, o padre observava que o Brasil não deu ainda nenhum santo à Igreja, por causa da escassez da vida religiosa no país, e que a vida religiosa é a grande fonte da santidade.

Esperamos – com toda a energia de uma esperança cristã – que desta legião de sacerdotes, de religiosos e de virgens consagrados a Deus, hão de sair almas generosas, palpitantes de amor, para levantar a fé em nossa querida pátria, e dignificá-la pela glorificação de um de seus filhos... Mas é preciso aspirar a esse fim, e a aspiração nasce do conhecimento, apóia-se nos exemplos e se alcança pelo entusiasmo que nos comunica o ideal entrevisto... Ó querida Irmã Celeste, possa tua coragem, tua força de vontade, teu amor suave e forte a Deus e às almas, apressar esta hora bendita! (LOMBAERDE, 1948, p. 23-4).

Assim, o padre, ao narrar a vida de Irmã Celeste, desejava torná-la modelo para as moças e os moços, no sentido de ingressarem na vida conventual, e quem sabe em breve contar com um rebanho de santos no país. De acordo com Michel De Certeau (2006), a hagiografia por essência é o discurso das virtudes e as virtudes fornecem a base da narrativa. Essas unidades de virtude se manifestam em diversos títulos. A hagiografia exemplar se situa na intersecção entre a comunidade religiosa que a criou e a sociedade mais ampla. A combinação das virtudes atribuídas a determinados santos seria variável conforme a distância temporal de sua criação pela comunidade religiosa e a configuração social da sociedade.

O que se constata é que as personagens escolhidas pelos hagiógrafos obedecem tanto a princípios de ordem institucional – ou seja, o que a igreja espera dos fiéis – quanto mobilizam elementos do imaginário social e de cunho emocional para promover a identificação dos fiéis. Neste sentido, a hagiografia não é apenas imposição, é um território de negociação da norma e da prática cultural dos fiéis.

Mas quais virtudes eram destacadas pelo padre? Nesses livros ele procurou demonstrar que o Brasil precisava de religiosas e que, apesar dos sacrifícios, até temperamentos mais instáveis e indomáveis poderiam ser transformados.

As histórias de religiosas escritas por padre Júlio expressam a atualização espiritual por que passou a Igreja Católica na modernidade, para além da necessidade da igreja ultramontana no recrutamento de religiosos para a missão católica; as mudanças provocadas pela modernidade exigiram uma adequação da espiritualidade religiosa aos novos tempos.

Uma das figuras mais significativas em relação a essa adequação é a de Santa Teresa D'Ávila, que promoveu a reescrita da vida conventual das Carmelitas no final do século XVIII e, posteriormente, a divulgação de suas ideias por Santo Afonso de Ligório e dos padres redentoristas. Padre Júlio Maria, em suas lições espirituais, cita com frequência esses dois teólogos, demonstrando que a vida religiosa para o caminho da santidade não seria impossível, sacrificante; nas pequenas coisas e nos pequenos sacrifícios pode-se trilhar o caminho da espiritualidade mística.

Virgínia Alburquerque Buarque (2011), em seu texto *Uma história moral, apologética e... moderna? A escrita católica do século XVIII ao início do século XX*, aponta para um desafio epistêmico da Igreja Católica diante da crise de sua concepção providencialista da história pela progressiva automatização do processo histórico da ação divina e das leis naturais. Diante disso, alguns discursos católicos modificaram-se a partir da segunda metade do século XVIII, procurando manter algumas características do discurso católico, como a reflexão moral e a apologética.

Afonso de Ligório, propagador da espiritualidade mística no século XIX, substituiu as atitudes modelares da hagiografia, privilegiando em seu lugar “a conversão das condutas e a realização de atos virtuosos, considerados como expressões de um milagre interior”. (BUARQUE, 2011, p. 147).

As conversas íntimas com Deus, Jesus ou Maria eram comuns nessa espiritualidade; a relação individual e próxima era uma de suas características, isto é percebido na

narrativa de Irmã Celeste em seu noviciado, em que constantemente ela oferece sacrifícios a Nossa Senhora, sacrifícios como suportar a sede e a fome, bem como conter seus impulsos coléricos.

De maneira geral, as histórias de vida apresentadas pelo padre obedecem à seguinte sequência: a vida no mundo, a conversão, a vida no convento, as provas que confirmam a devoção a Nossa Senhora e a morte trágica. Quanto mais difícil é o temperamento da religiosa, maior é o milagre que se opera em seu comportamento após a devoção a Nossa Senhora. É o caso da Irmã Celeste, que foi descrita como uma jovem de “temperamento bilioso-nervoso”, que se manifestou desde cedo na menina, assim como “a cólera, a teimosia e o espírito de dominação dos biliosos”.

Raimunda, ou Dica, como era chamada Irmã Celeste antes dos votos, era órfã de mãe e criou-se na infância de maneira desregrada sem a presença materna, segundo o padre; de qualquer forma, na narrativa do padre são notáveis os indícios da manifestação da graça em Dica, como que anunciasse a santidade que estaria por vir, numa epifania regressiva (DOSSE, 2009)

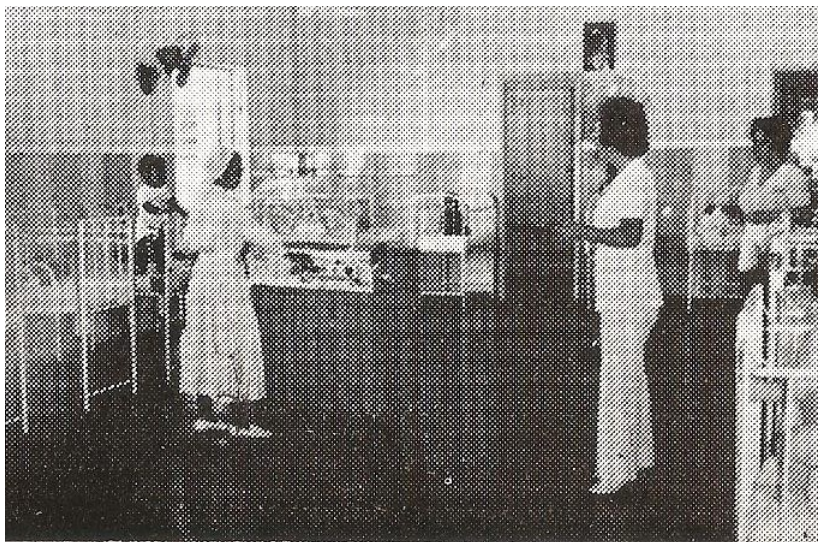
Portanto, as obras de padre Júlio Maria propunham o caminho do sacrifício para a santificação e o trabalho missionário na educação e na saúde. As irmãs das suas congregações fundadas pelo padre, Cordimarianas e Sacramentinas, desde o princípio de seus trabalhos missionários desenvolveram atividades voltadas para essas áreas. Em Macapá, foi criada uma escola mantida pelas irmãs Cordimarianas, que atendiam a crianças pobres, como foi o caso de Raimunda, Dica, que mais tarde tornou-se Irmã Celeste. Em Manhumirim, as irmãs Sacramentinas dirigiam um internato de moças, o Colégio Santa Teresinha, e cuidavam dos doentes no Hospital Padre Júlio Maria.

Neste sentido, um dos planos do padre Júlio Maria era formar religiosos e religiosas para desenvolverem atividades ligadas à educação, a saúde e o atendimento aos pobres, como no patronato São Vicente, a herança imaterial do padre fundador das Congregações Cordimarianas e Sacramentinas, nas décadas que seguiram à sua morte, (1944) como apresentadas nas fotografias das congregações. Além disso, percebe-se que o papel maternal das irmãs continua ancorado na representação de Maria, como acontecia com as mulheres leigas.

As irmãs poderiam não ser mães biológicas, contudo o instinto maternal permanecia e era exercido por meio da maternidade espiritual. O fato de renunciarem à vida sexual não as tornava superior às outras mulheres, elas deveriam ser dirigidas pelos padres. E o seu trabalho deveria ser abnegado e discreto, não poderiam esperar o reconhecimento pelo seu trabalho, porque isso negaria o seu caráter sagrado.



Irmãs Sacramentinas no Colégio Santa Teresinha, Manhumirim, (MG), s.d.. **Pe. Júlio Maria De Lombaerde**: recordações de um centenário 1878-1978 (Europa – África – Brasil) 1978, p. 59



Irmãs Cordimarianas., Hospital da FUNABEM (Rio de Janeiro), 1950, **Pe. Júlio Maria De Lombaerde**: recordações de um centenário 1878-1978 (Europa – África – Brasil), 1978, p. 31.

Considerações finais

A Igreja ultramontana criou modelos de comportamentos para leigas e religiosas; em ambos os casos visavam a objetivos específicos para essas mulheres no quadro de reconquista da sociedade para o Catolicismo. No caso das mães, elas deveriam comportar-se de maneira obediente aos parâmetros morais católicos e educar os filhos para seguirem o Catolicismo. Por outro lado, as freiras deveriam estender os cuidados maternos espirituais, como os de Nossa Senhora, para a sociedade, com o trabalho na educação de crianças e no cuidado de enfermos no hospital. Leigas e religiosas se configuravam como duas faces da mesma representação mariana, da virgem e mãe.

Referências

- Arquivos da Igreja matriz da cidade de Manhumirim (MG)
- AZZI, Riolando. *O Estado leigo e o Projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994.
- _____. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. ed. Brasília: UNB, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BUARQUE, V. A. Uma história moral, apologética e... moderna? A escrita católica do século XVIII ao início do século XX. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 6, p. 142-157, mar. 2011.
- BUARQUE, V. A. Mística em tempos de Neocristandade: as cartas de uma monja carmelita descalça no Brasil. In: *Anais SIMPÓSIO INTERNACIONAL: Religiosidades, DIÁLOGOS CULTURAIS, HIBRIDAÇÕES*, III, 2009.
- CERTEAU, M. De. Hagiografia. In: _____. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-190, 1991.
- _____. Textos, impressos, leituras. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. p. 173-191.
- DOSSE, F. A Idade heroica. In: _____. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 123-194.
- GUARIZA, N. M. *As Guardiãs do lar: a valorização materna no discurso ultramontano*. 148 p. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2003.
- LOMBAERDE, J. M. De. *Almas sacramentinas ou vida de três religiosas brasileiras*. Manhumirim: O Lutador, 1943.
- _____. *Um anjo da Eucaristia ou vida de uma religiosa brasileira Irmã Maria Celeste (1905-1922)*. Manhumirim: O Lutador, 1948.
- _____. De. *A Mulher Bemdita denate dos ataques protestantes ou respostas irrefutáveis: às objeções protestantes contra o culto da Sma. Virgem Santíssima*. Manhumirim: O Lutador, 1936.
- _____. *Os ensinamentos de Nazareth ou meç pratico da Sagrada Família*: 31 leituras sobre a vida de Jesus, Maria e José em Nazareth. Manhumirim: O Lutador, 1941.

-
- _____. *Por que amo Maria*: tratado substancial e completo dos principais motivos de devoção para a com a Virgem Maria segundo santos padres, os doutores e os santos. São Paulo: Paulinas, 1960.
- LIVRO TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE MANHUMIRIM, 1928-1940.
- LUTADOR, O. *Pe. Júlio Maria De Lombaerde*: recordações de um centenário 1878-1978 (Europa – África – Brasil) Belo Horizonte: O Lutador, 1978.
- MANOEL, Ivan. *Igreja e educação feminina (1859-1919)*: uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP, 1996.
- PIO X, Papa. *Sacra Tridentina Synodus*: sobre a Comunhão frequente e cotidiana 8 agos. 1910. Petrópolis: Vozes, 1953.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes e Marias*: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Farol do Saber, 1996.
- WERNET, A. *A igreja paulista no século XIX*: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987.